WARLEY MATIAS DE SOUZA

De passagem

Warley Matias de Souza

DE PASSAGEM

Souza, Warley Matias de, 1974-
De passagem / Warley Matias de Souza. –
1ª ed., 2021.
ISBN 978-65-00-32538-6
1. Romance brasileiro. I. Título.
CDD-869.93
DE PASSAGEM
Copyright © 2021 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Imagem de capa: *Autorretrato*, de Ismael Nery.

(Obra revista pelo autor em 2026)

CAPÍTULO 1
Afetos e viadagens

Amanda tinha cinco anos, pele morena, cabelos cacheados, usava óculos e tinha perdido seu primeiro dente, bem na frente, uma janelinha incompleta. Já seu irmão Douglas tinha doze anos, uma pele muito branca, ruivo, olhos pretos e sardas. Sorria muito pouco, era um tanto mal-humorado.

— Dodô?

— Já falei pra não me chamar por esse apelido ridículo!

— Foi o Henrique quem te deu.

— Ele não tá mais aqui! Foi embora! Nem deve se lembrar mais da gente.

— É por isso que o papai anda tão triste?

— Ele gostava dele. Não entendo por que, mas gostava.

— Você também gostava.

— Mentirosa. Não gostava não. Era um chato cheio de viadagens.

— Sei que tá triste também, Dodô.

— Você não sabe de nada!

— Sei sim!

— Você é uma chata!

— Não sou não!

— É sim. Uma chatilda de quatro olhos.

Amanda começou a chorar.

— Papai! — gritou. — O Dodô tá me xingando!

Irandir desceu as escadas e, sério mas calmo, disse:

— Douglas, você é mais velho do que sua irmã. Não se comporte feito um bebê.

Olhou para Amanda:

— E você, mocinha, não precisa chorar à toa. Sabe que seu irmão está só brincando.

— Não tô não! — disse Douglas, de nariz em pé.

— Tá vendo, papai? O Dodô quer ser mau, não gosta de ser bom não.

— Seu irmão é bom, filhinha.

— Não é não, papai!

— Não sou não, papai.

Irandir colocou a mão no ombro do filho e disse-lhe:

— Douglas, você entende que preciso de você, meu filho? Já tem idade pra saber que está difícil pra mim depois que...

— Eu sei.

— Me ajuda, filho. Prometo que logo fico forte de novo. Mas agora...

Acariciou os cabelos do menino.

— Tá com saudade, né, papai? — intrometeu-se a menina.

— Depois reclama quando chamo ela de chata!

— Tá vendo, papai?

— Papai vai lá pra cima descansar um pouco — disse o menino, enquanto pegava a mão da irmã. — Vamos até a casa da vovó, fazer uma visita.

— Eba! — gritou a menina.

Ao sair de casa e fechar a porta, Douglas olhou para a irmã e falou:

— Amo o papai. Mas não suporto essa viadagem. Precisamos fazer alguma coisa, Amanda.

— Fazer o quê?

— Encontrar um namorado pro papai.

— Eba!

— Não vai ser assim tão fácil.

— E por que não?

— Porque ele ainda tem saudade do Henrique.

— Então é fácil. É só pedir pro Henrique voltar, ué.

— Isso é complicado.

— Não sei por quê.

— Porque adulto é complicado.

— É mesmo.

— Henrique foi embora porque quis, ele não gosta mais do papai.

— E por que não?

— Porque ele gosta mais de outro cara agora.

— E não pode gostar dos dois não?

— Parece que não.

— Olha aquele ali. Acho que o papai pode gostar dele. Vamos lá chamar ele pra conhecer o papai?

— Não é assim que funciona.

— E como é então?

— Primeiro, temos que saber se o nosso escolhido quer alguém feito o papai.

— Qualquer um quer alguém feito o papai, Dodô!

— O Henrique não quis.

— É mesmo.

— Depois temos que bolar um plano, pra fazer o papai encontrar o escolhido sem saber que ele é o escolhido.

— Complicado demais, Dodô.

— Não quer ver o papai feliz?

— Tá bem. O que fazemos então?

— Na casa da vovó, faremos perfis de namorados.

— O que é isso?

— Uma viadagem.

— Mas você não gosta de viadagem.

— Pelo papai, eu faço uma viadagem.

— E como se faz essa viadagem?

— A gente senta e anota as características do namorado perfeito pro papai.

— Eba! Parece divertido.

CAPÍTULO 2
Artista marginal

O silêncio da rua era quebrado apenas por latidos de cães, miados de gatas no cio ou briga de gatos por uma fêmea. Tudo se resumia nisto afinal, sexo, sempre o sexo. O grafite ia ser um rosto de menina com o dedo enfiado no nariz. Hans só não previra que o dono da casa estaria insone e sairia com um taco de beisebol na mão.

— Que porra do caralho está fazendo aí?

Hans assustou-se e correu. Irandir correu atrás dele. Hans era um rapaz de dezessete anos, enquanto Irandir tinha trinta e cinco. Mas o segundo estava mais em forma do que o primeiro, pois tinha boa alimentação e uma rotina de academia, enquanto Hans comia quando podia e só porcarias.

Irandir logo alcançou o outro, que já estava sem fôlego. Segurou-o pelo capuz. Hans tentou desvencilhar-se. Irandir deixou o taco de beisebol cair e imobilizou o rapaz no chão. Cachorros latiam. Hans olhou para o taco, pensou em se defender. Irandir percebeu, enquanto fechava a mão para desferir o golpe sobre o rosto de Hans. Mas o farol de um carro iluminou o rosto muito branco do rapaz e fez Irandir desistir.

Os policiais saíram do carro, meio desconfiados e prontos para atacarem o homem negro, que, provavelmente, estava querendo roubar e matar um jovem branco.

— O que está havendo aqui, cidadão?

Irandir percebeu o olhar de desespero no rosto de Hans.

— Nada, policial. É que o filho da minha mulher estava grafitando o muro da nossa casa. Perdi o controle, quase bato no moleque.

Os policiais relaxaram.

— Precisa dar um corretivo nele, cidadão. Começa assim, depois passa a roubar.

— Obrigado, policial. Vou cortar a mesada dele.

Os dois policiais afastaram-se no carro. Mas Irandir ainda pôde ouvir um deles falar:

— Mesada. Se fosse meu enteado, levava uma bela surra e ponto-final.

Irandir levantou-se e estendeu a mão para Hans, que a ignorou, levantou-se sozinho e olhou de novo para o taco de beisebol.

— Ainda está pensando em me bater? — disse Irandir.

— Não, é que tava pensando o que um taco de beisebol faz aqui. Isso é esporte de gringo.

— É que meu filho estuda em uma escola americana.

Hans cuspiu de lado.

— Tá querendo criar um filho fascista?

Irandir sorriu, gostou do rapaz.

— Onde você mora?

— Por aí.

— Não tem casa?

— Moro nas ruas.

— Está com fome?

Hans, acostumado a pagar por favores, sorriu, sedutor:

— Se quiser me dar alguma coisa pra comer...

Diante da casa, Irandir falou:

— Amanhã você vai passar tinta em cima disso aí.

— Eu tava fazendo arte.

— Não no meu muro.

Enquanto Irandir fazia um misto-quente para Hans, o rapaz observava o ambiente.

— Você é rico?

— Não.

— Sua casa me parece de rico.

— Pois não é. E ainda nem terminei de pagar.

Hans comeu o misto com voracidade e bebeu a lata de coca-cola que Irandir lhe dera.

— Você é bem americanizado, hein?

— Se fosse, você teria comido hambúrguer.

Hans sorriu.

Irandir estava sentado quando ele se ajoelhou para chupá-lo.

— O que está fazendo? — disse Irandir, enquanto afastava-o.

— Agradecendo.

— Não precisa.

— Eu pensei...

— Pensou errado. Olha, dorme aí no meu sofá. E se quer me agradecer, tira a sujeira que fez no meu muro.

Foi até lá em cima e pegou um cobertor e um travesseiro.

— Pega aí. E amanhã, pode tomar um banho também. Seu cheiro não está lá muito agradável.

Hans cheirou embaixo de um dos braços, depois deu de ombros.

— Qual o seu nome?

— Hans.

— Boa noite, Hans.

— E o seu?

— Irandir.

— Boa noite, Irandir.

No andar de cima, Irandir pegou Amanda e levou-a para o seu quarto, colocou-a sobre a cama de casal. No quarto de Douglas, acordou o filho e mandou-o ir para o seu quarto também, levou o colchão do garoto. Douglas caminhou sonolento, enquanto resmungava:

— Que viadagem.

No dia seguinte, os meninos acordaram antes de Irandir. Amanda foi quem primeiro viu o estranho no sofá da sala. Ele era louro e magro. Um metro e setenta e cinco de altura. Tinha um tênis da moda, provavelmente fruto de roubo, usava uma calça *jeans* surrada e um paletó preto com capuz.

Amanda chamou o irmão. Enquanto os dois olhavam para o rapaz, cochichavam.

— É o substituto do Henrique?

— Não seja boba, é novo demais.

— Mas o pai da Renatinha namorou uma menina de dezesseis anos, foi o que minha avó disse.

— O pai da Renatinha é um pervertido.

— Pevê o quê?

— Deixa pra lá.

Hans acordou, abriu os olhos pretos.

— O que tão olhando? — perguntou, mal-humorado.

— Quem é você? — perguntou Douglas, muito sério.

— E quem é você?

— Eu sou o dono da casa. Então quem pergunta sou eu.

— Me deixa!

Hans virou-se e voltou a dormir.

Os meninos subiram e foram acordar o pai.

— Quem é aquele lá embaixo? — perguntou o menino.

— É o Hans — respondeu o pai, ainda sonolento.

Douglas revirou os olhos, num gesto de impaciência.

— Não foi o que perguntei, quero saber quem ele é, por que tá dormindo no nosso sofá.

— Estava sem lugar pra dormir, deixei ele passar a noite lá.

O menino balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Você perdeu a noção do perigo, papai?

— Eu gostei do Hans — disse Amanda.

— Cala a boca!

— Tá vendo, papai? Ele não gosta de mim!

Irandir era um homem alto, quase dois metros, negro e forte. Tinha um nariz afilado e lábios grossos. Os olhos eram verdes. Os cabelos crespos e altos, brilhantes, vivos.

Ele levantou-se. De pijama, foi até o banheiro, lavou o rosto e desceu até a sala. Os filhos estavam lá, de pé, enquanto olhavam para o hóspede no sofá.

— Acorda, Hans — disse Irandir, enquanto sacudia o rapaz, que abriu os olhos, repletos de desconfiança e irritação. — Vou fazer alguma

coisa pra gente comer. E depois você vai pintar meu muro.

— Já comprou a tinta!? — perguntou Hans, surpreso. — Que horas são?

— Oito horas — respondeu Irandir. — Tenho uma lata de tinta que sobrou. Talvez não tenha percebido, mas o muro foi pintado recentemente.

Antes de entrar na cozinha, falou, sem olhar para trás:

— Depois de pintar o muro, não se esqueça de tomar um banho.

— Tá precisando — disse Douglas, com cara de nojo.

Hans olhou para ele e fez um sinal com a mão no pescoço, uma ameaça de decapitação. Mas Douglas apontou-lhe o dedo indicador, o polegar na vertical, imitou um disparo e depois soprou a ponta do dedo. Aproximou o indicador e o médio dos próprios olhos e em seguida apontou-os para Hans, de forma a indicar que estava “de olho” nele. Pegou Amanda pela mão e arrastou-a até a cozinha.

Mais tarde, enquanto Hans pintava o muro, Douglas, de braços cruzados, vigiava o rapaz. Amanda, também de braços cruzados, imitava o irmão.

— Por que você sujou nosso muro? — Douglas perguntou.

— Não sujei muro nenhum, sou um artista.

— Não parece.

— É, não parece — Amanda repetiu a fala do irmão.

— Você não sabe identificar arte, é um projetinho de burguês fascista.

Amanda colocou a mão na boca e arregalou os olhos.

— Ele falou palavrão, Dodô!

— Fica calada.

— Não disse? É um fascistinha machista. Todo fascista manda mulheres ficarem caladas.

— Minha irmã não é mulher, é só uma chata.

— Sou mulher sim! — Amanda exclamou, chorosa, e saiu a gritar: — Papai, o Dodô disse que eu não sou mulher. Papai!

Hans parou e olhou para Douglas.

— Você estuda em colégio de gringo?

— É um colégio americano.

— Escola de fascista.

— Também não gosto.

— E por que não?

— Não gosto de americano.

Hans sorriu.

— Talvez você não seja tão burguês assim.

— Não enrole, pinta isso aí.

Hans mostrou-lhe o dedo médio e voltou a pintar o muro.

Depois de um silêncio, Douglas perguntou:

— Você namora meninos?

Hans olhou para ele, agora com um sorriso safado:

— Você tá a fim de me chupar? Acho que é novo demais pra mim.

O outro falou, meio impaciente:

— Não se superestime. Você não é tão mais velho do que eu. E mesmo que eu gostasse de meninos, seu pinto sujo era o último que eu chuparia.

— Então o quê?

— Você gostou do meu pai? Digo, essa coisa de sexo.

— Qual é a sua?

— Você não quer namorar com o papai? Ia ter casa e comida.

— Não estou à venda.

— Me engana que eu gosto.

— Seu pai parece não gostar de mim nesse sentido.

— Você deve viver aí no meio da viadagem. Conhece alguém que possa namorar com o papai?

Hans riu alto.

— Você é muito esquisito, garoto.

— Cala a boca e pinta o muro.

Quando terminou, Hans foi tomar banho. Ficou no banheiro durante mais de uma hora.

Quando saiu, enrolado em uma toalha da cintura para baixo, Douglas comentou:

— Banho demorado, hein?

Amanda balançou a cabeça de um lado para o outro:

— Dodô, tem gente que toma banho, não é igual a você.

Hans caiu na gargalhada e falou:

— Tô adorando essa pirralha.

Amanda riu também.

— Tenho uma roupa que serve em você — Irandir falou.

— Sua roupa não serve em mim, cara, você é maior do que eu.

— Não é minha, alguém deixou aqui.

Foram até o quarto.

— Não gosto de vestir cueca dos outros.

— Está limpinha. E melhor do que a sua, que não deve ver água há dias.

O outro pegou a roupa e olhou para Irandir.

— Dá pra me dar privacidade?

— Ah, desculpa. Vou lá pra sala.

Hans, além da cueca, vestiu um xorte e uma camisa que eram do Henrique.

CAPÍTULO 3
O pequeno Louis

Eu, Pierre Avril, tinha trinta anos. Louro, alto, olhos castanhos, magro. Era bonito, um homem desejável, e acabava de me separar de uma mulher obcecada por filhos. Eu não os queria. Ela então me mandou embora, como se eu não passasse de um reprodutor incompetente. Para completar, fui demitido após seis meses como professor universitário, devido a uma falsa acusação de assédio sexual, feita por uma aluna ressentida pela minha indiferença a suas cantadas.

Minha vida então se tornou completamente caótica e incerta. O prédio em que eu morava, na cidade de Marseille, na França, não era grande coisa. Estava cheio de estrangeiros ilegais, o que lhe dava um aspecto de marginalidade atraente a um escritor romântico, o que não é meu caso. Eu tinha uns vizinhos que brigavam o tempo inteiro. Era um casal de árabes. Não dominava o seu idioma, portanto não posso dizer o motivo de suas brigas. Não eram jovens. O homem aparentava uns cinquenta anos, e a mulher, que vivia coberta, não devia ter menos do que isso. A voz, a forma de andar, as rugas na testa corroboravam minha suposição.

Era madrugada. Eu dormia, no sofá velho da sala, quando acordei com o barulho da campainha, que tocava insistentemente. Levantei-me e tropecei na garrafa de uísque vazia. Tenho sangue ruim, como diz Maïté, o álcool não me afeta tanto.

Ao abrir a porta, havia um menino de oito anos, louro, olhos grandes, azuis e assustados. Usava uma camiseta branca e encardida, um xorte de futebol e estava descalço, tremia. Coloquei a cabeça para fora, e não havia mais ninguém no corredor. Olhei de novo para o menino, e ele simplesmente desmaiou. Peguei-o e deitei-o sobre o sofá.

Dei leves tapinhas em seu rosto. Ele logo despertou, os olhinhos azuis e cansados. Ficou ali deitado, o olhar parado em direção ao teto.

Ele era muito magro.

— Está com fome?

Ele olhou-me com vivacidade e indicou, com a cabeça, que sim.

Fui até a cozinha. Abri a geladeira. Estava praticamente vazia. Uma garrafa cheia de água, uma caixa de leite pela metade, dois ovos, um pouco de presunto. Sobre a geladeira, havia uma vasilha de plástico, com dois pães murchos.

Fritei os ovos e recheei os dois pães com um ovo e uma fatia de presunto. Dei para o menino.

Ele tirou o presunto e comeu os pães com voracidade, bebeu o leite diretamente da caixa.

— Eh, cuidado! Vai engasgar. Está mesmo com fome, hein?

Depois que terminou, perguntei-lhe:

— Qual seu nome?

Ele balançou a cabeça de um lado para o outro.

— De onde você é?

Deu de ombros.

Adormeceu sobre o sofá. Cobri-o com um cobertor. Ele dormiu durante horas. Acordou faminto. Crianças são assim, pequenos animaizinhos.

— Vou comprar alguma coisa pra gente comer. Vem comigo?

Ele arregalou os olhos, com medo.

— Tá bem. Fica aqui. Não demoro.

Ele balançou a cabeça, afirmativamente.

— Olha, toma um banho, porque você está fedendo muito. Você sabe tomar banho sozinho, não sabe?

Ele disse que sim com a cabeça.

— Então tá bem. Toma um banho e não abra a porta pra ninguém, ouviu?

Balançou a cabeça de novo em sinal de que tinha entendido.

— *Très bien*, pelo menos não é surdo.

Olhei nos olhos dele.

— Louis, você tem cara de Louis. É assim que vou te chamar.

Ele sorriu, aprovava o nome.

Quando voltei, ele estava no banheiro.

Bati à porta.

— Louis?

Ele abriu a porta, estava nu, os cabelos molhados. Sorriu-me. Muito magro, eu podia ver seus ossos sob a pele. Havia cicatrizes também, aquele menino tinha sido torturado. Ele percebeu que eu estava olhando suas cicatrizes, pegou a toalha e se cobriu. Decidi não falar disso com ele ainda, até porque ele não falava nada.

— Você parece um cachorro de rua, Louis, magro igual a um.

Pedi que ele esperasse, fui até o meu quarto, peguei uma camisa.

— Veste isso aqui, sua roupa está imunda e malcheirosa.

Ele vestiu a camisa, que o cobriu até as coxas. Ficou sentado no sofá, enquanto via televisão.

Preparei uma omelete e um molho. Eu não tinha uma mesa, então tivemos que improvisar, dei uma varrida no chão da sala, coloquei um lençol sobre ele, onde pus uma vasilha cheia de

pães, a panela com o molho, um prato com um queijo e dois pratos vazios.

Os olhos do Louis arregalaram-se diante do pequeno banquete.

— Pode comer. Mas devagar, ouviu? Devagar. Não quero que morra engasgado.

Ele sorriu e começou a comer. Molhou um pedaço de pão no molho e comeu-o, com os olhos fechados.

— Ah! Esqueci o refrigerante.

Os olhos dele brilharam diante da lata de coca-cola.

Ele comeu outro pão, além de omelete e queijo.

Eu comi apenas um pedaço de queijo e bebi uma cerveja.

Quando terminou de comer, Louis soltou um arroto involuntário e corou de vergonha.

— Não se preocupe.

Ele sentou-se no sofá e, satisfeito, assistiu a um desenho animado na televisão.

— Não quer mais um pãozinho?

Ele fez uma careta, estava cheio, a barriga grande feito a de uma jiboia.

Desliguei a televisão.

— Agora precisamos conversar.

Ele baixou os olhos.

— Onde estão seus pais?

Ele ficou em silêncio.

— Louis, eu já percebi que está com medo de alguma coisa. Mas não posso ajudá-lo se você não me ajudar. Se não me contar a sua história, vou ter que te levar até a polícia.

Ele olhou-me, apavorado, e balançou a cabeça de um lado para o outro, agitado.

— Você não consegue falar?

Ele segurou o pescoço, abriu a boca e emitiu um som gutural.

— E você escreve?

Ele balançou a cabeça, afirmativamente.

Onde eu tinha um caderno e uma caneta? Em uma caixa, encontrei uma agenda não usada. Havia também um velho lápis, nenhuma caneta, fazia muito tempo que eu não ousava escrever.

CAPÍTULO 4
Um recomeço

Quando chegamos ao Brasil, Louis e eu fomos morar em uma casa que pertencia ao marido de minha amiga Maïté, que estava casada com um brasileiro e tinha um bebê de dois meses. Ela era professora universitária, especialista em Proust.

Conheci Maïté em Marseille quando tínhamos cinco anos. Nossos pais achavam que ela e eu, quando adultos, seríamos namorados. Estavam certos. Na universidade, o namoro começou. Um relacionamento aberto, sugerido por ela. Mulheres francesas! Leitora de Simone de Beauvoir, queria que eu fosse o seu Sartre. No entanto, eu não tinha a genialidade do existencialista. E Maïté tinha tesão na inteligência de um homem.

A sensualidade da mulher francesa é diferente da sensualidade da mulher brasileira. Esta é toda entrega, a mulher francesa é toda intenção. A mulher brasileira possui olhos devoradores, come o homem, morde-o em cada olhadela. A mulher francesa, um belo dia, dá o bote e o devora em um só piscar de olhos.

Foi por sugestão de Maïté que tive minha primeira experiência sexual homoerótica. Chamava-se Arthur o rapaz. Sorriu quando soube

que eu era virgem de homem. É de praxe o virgem ser passivo, ele me disse. Há certa perversidade nessa convenção heteronormativa. Dominador e dominado. Entramos no jogo, o prazer foi mútuo.

Maïté riu e, com satisfação feminina:

— Agora você sabe como as mulheres são tratadas.

Fiquei ruborizado.

— Não fui tratado como mulher.

— Questão de ponto de vista.

— O que você não entende, Maïté, é que a relação entre dois homens, sexual ou não, tem peculiaridades que nenhuma mulher pode compreender.

— Deu o cu pela primeira vez e já se acha especialista em relações homoeróticas masculinas.

Maïté tinha essa capacidade de nos irritar com sua arrogância.

— Convivo com homens desde que nasci, Maïté. Mais do que isso, sou um homem. Sei de coisas que você não poderá sequer imaginar.

Ela estava fumando um cigarro e lançou a fumaça em meu rosto, enquanto um meio-sorriso deformava seus lábios.

Éramos jovens. Ela decidiu viver outras experiências, longe de mim, enquanto eu iniciava

com o Arthur um relacionamento que durou um ano, até o dia em que, numa festa, ele se trancou em um quarto com cinco caras, e fizeram uma orgia. Alguma coisa pequeno-burguesa gritou dentro de mim. Durante o resto da faculdade, permaneci abstêmio sexualmente.

Foi no velório do meu pai que conheci Amélie. Filha de um dos amigos do velho. Ela me consolou naquele dia e, enquanto o caixão descia à sepultura, ela me beijava debaixo de um cipreste.

Eu começava o meu doutorado, ela era professora de crianças. Fomos morar juntos. Foi bom enquanto durou. Eu vivia em paz, com sonhos possíveis.

Mas tudo chega ao fim.

O problema de uma escrita literária é que são inevitáveis as divagações. E depois precisamos voltar ao ponto inicial e não sabemos como fazê-lo. Simplesmente faça-o, me diria Maïté, tão direta como sempre foi.

Em nosso primeiro dia na casa nova, eu disse ao Louis:

— Dois homens bonitos como nós precisamos de uma casa tão grande, Louis? Não, não precisamos. Vamos nos perder aqui dentro, sem falar da sujeira, já que o senhor é extremamente desleixado.

Louis sorriu. Nossa relação de pai e filho já durava um ano. Ele era mudo, definitivamente. E me escondia um passado cheio de dor, que deixara em seus olhinhos azuis um traço de tristeza que não o abandonaria jamais. Mas Louis se sentia protegido comigo, e eu morreria por ele.

Eu precisava aprender o português para sobreviver ali. Louis também precisava aprender o português, além de Libras. Sua comunicação estava restrita à escrita em francês. Vivia em companhia constante de seu bloquinho e sua caneta esferográfica. Era assim que nos comunicávamos.

Ele me perguntou o que era Libras. Disse-lhe que era a Língua Brasileira de Sinais. Ele poderia comunicar-se com as mãos. Mas também precisava aprender o português, para entender a fala dos brasileiros e comunicar-se também na escrita brasileira.

Louis era meu único amigo. Contei-lhe sobre minhas pretensões artísticas, que tinha um livro publicado, mas que não conseguia escrever mais. Ele disse que também queria ser escritor.

— Disso não duvido, Louis. Com esse seu bloquinho, você está treinando. Um dia contará uma grande história, quem sabe a sua, o que lhe aconteceu antes de me conhecer.

Ele baixou a cabeça, triste, não gostava quando eu tocava no assunto. E de novo, desculpei-me:

— *Désolé*, *petit garçon*. — E numa voz teatral: — *Pardon*! *Pardon*! *Pardon*!

Aproximei meu rosto do seu e percebi que o menino de cabeça baixa sorria com meu exagero dramático e calculado.

Quem ajudou bastante o Louis foram Amanda e Douglas. Um dia, Louis estava na calçada, quando Amanda passou de mãos dadas com Douglas e acenou. Louis acenou de volta, e os irmãos se aproximaram.

— Qual é seu nome? — ela perguntou.

Louis fez um gesto de forma a indicar que não conseguia entender o português.

— Ele não fala nossa língua, Amanda — disse Douglas.

No dia seguinte, Amanda bateu ao portão de nossa casa.

— *Bonjour*, *monsieur*.

— *Bonjour*, *petite fille*.

— Eu soube que o senhor é francês e o seu filho também.

Não compreendi nada, e ela percebeu.

— *Jouer* com Louis.

Amanda estava aprendendo francês com sua avó, que era professora.

CAPÍTULO 5
Ménage à trois

Seis meses depois de chegar ao Brasil, Louis e eu fomos morar na casa do Irandir. As crianças se davam bem, tanto Amanda quanto Douglas eram muito carinhosos com o Louis. Aliás, não havia como não se apaixonar pelo Louis, um menino como poucos. Inteligente, gentil, amigo, compreensivo. Douglas não se importou em dividir o quarto com seu novo irmão, até porque morava em duas casas. A mãe dele vivia no mesmo bairro em que o ex-marido. Então, os filhos de Irandir ficavam uma semana com o pai e outra com a mãe.

Hans dormia no sofá fazia já um ano quando me mudei para ali. Ele era um tanto mal-humorado, o tipo durão. Tinha uma história complicada, a dureza da vida nos faz duros. Mas, apesar de ter levado tanta porrada na cara, por trás daquele jovem *iceberg* havia um grande coração. Ele não admitia, mas gostava dos filhos de Irandir como se fosse um irmão mais velho, e passou a gostar de Louis como se fosse um pai.

Um dia Irandir e eu acordamos, e ele estava dormindo no sofá que tínhamos no nosso quarto. Não falamos no assunto, e isso começou a repetir-se. Até que um dia acordamos, e ele estava na

nossa cama, bem no meio. Também não falamos no assunto, e isso começou a repetir-se. Então, numa noite, acordei com um beijo que eu nunca tinha provado. Estava escuro, Irandir gostava de dormir no breu, com a cortina fechada. Percebi que agora Irandir também provava do beijo. E fizemos sexo a três, no breu do quarto, como em um sonho erótico e angustiante. No dia seguinte, não falamos no assunto. Mas, a partir daí, passamos a viver os três juntos, no mesmo quarto, na mesma cama. No mês seguinte, Irandir encomendou uma cama maior para que pudéssemos ter mais espaço e conforto.

As crianças aceitaram a mudança naturalmente. Perceberam que estávamos juntos e aceitaram aquilo como inevitável. Não houve estranhamento.

Ouvi Amanda, em uma ocasião, comentar com Douglas:

— Queríamos um namorado pro papai e acabamos encontrando dois.

— Mas se Hans acha que agora é um dos meus pais, tá muito enganado. Ele que não venha com viadagens.

Hans não mudou seu comportamento com as crianças, continuou sendo uma espécie de irmão mais velho dos filhos de Irandir e um jovem pai para o Louis.

— Louis, o desenho é como se fosse outro mundo, saca? Você cria o que quiser, cara! Se quiser, você cria uma nave espacial e sai por aí e conhece o mundo!

Louis sorriu para Hans e balançou a cabeça, em sinal de que entendia o que dizia o outro.

— Você acha que quem não tem o talento pra desenhar pode ser desenhista, Hans? — perguntei-lhe um dia.

— O Louis é um artista, Pierre, o menino é foda!

— Acho mesmo que ele é um artista, mas não da arte do desenho, e sim da escrita.

Ele me olhou, enquanto sorria assim meio de lado.

— Você quer que ele siga seus passos.

— E você também quer, não?

— É, pode ser, mas o menino tem futuro.

— Ele é um escritor, Hans, pode apostar.

— Que seja, ele pode fazer romances gráficos então.

Quando iniciamos nosso relacionamento a três, eu sentia por Hans uma espécie de desejo e curiosidade, como se ele tivesse um mistério que seria bom desvendar. Mas à medida que o tempo passava, foi crescendo em mim aquela coisa que chamam de amor, uma ternura morna, mesclada a um desejo quente. Por ser mais jovem do que

eu, do que nós, os sentimentos se mesclavam: amor paternal e sexual. Eu era um misto de pai e de amante, o que dava à nossa relação um quê incestuoso que me incomodava e excitava ao mesmo tempo. Porém, o afeto foi se fortalecendo, o que justificava tudo. Eu estava apaixonado por ele mais do que por Irandir. Por isso, sempre que possível, eu buscava estar perto de Hans, trocar ideias e experiências com ele, além de carícias. O seu olhar terno para mim mostrava que ele também me amava, apesar de ser selvagem demais para admitir, pois o amor é prisão.

Se Irandir tinha ciúme da minha relação com Hans, ele não demonstrava. Contudo, eu sentia muito ciúme ao ver os dois sozinhos, quando dividiam ideias e experiências e carícias e me excluíam. Eu não queria estar fora disso, eu não queria um mundo só dos dois. E quando os via sozinhos, eu me aproximava, tornávamos três, e isso me tranquilizava. Eu tinha medo, medo de que Hans nos deixasse para viver outras aventuras. Era mais jovem do que nós, tinha menos história e menos prisões. E quando eu comentava isso com Irandir, ele ficava melancólico, não sei se porque temia a partida de Hans ou se porque percebia minha preferência pelo rapaz. Eu sabia que se Irandir fosse obrigado a escolher um de nós dois, ele preferiria a mim,

seu olhar de adoração por mim deixava-me constrangido e apavorado, pois tornava-me responsável pela sua felicidade. Porém, se eu precisasse escolher entre os dois, provavelmente ficaria com Hans. Então eu esperava que nunca precisássemos escolher, e que continuássemos a ser três, não dois.

CAPÍTULO 6
O teste

Eles eram mais do que amigos, tinham sido amantes, companheiros. Havia entre eles forte intimidade e, ao mesmo tempo, algum constrangimento. Irandir, muitas vezes, baixava os olhos, como uma donzela tímida. Estava claro que meu parceiro ainda era apaixonado pelo seu ex. Mas isso não me incomodava.

Senti forte desejo pelo ator.

Ele era alto e magro, porte inglês, tinha um nariz afilado e comprido, lábios muito finos e pele escura.

— Você é descendente de indianos? — perguntei-lhe.

Ele sorriu e respondeu:

— Todo mundo pergunta isso. Mas acho que não. Meu sobrenome é Silva, bem brasileiro.

— Talvez, em algum momento, um indiano ou indiana tenha cruzado a vida de seus antepassados. Talvez um amor proibido.

— Vocês escritores sempre romanceiam tudo.

Foi aí que Irandir teve certeza do meu interesse em seu ex. Ficou macambúzio, de poucas palavras. E quanto mais Henrique e eu conversávamos e descobríamos interesses em

comum, mais ele se retraía e enchia o peito e a mente de vinho barato.

Na despedida, à porta do restaurante, Henrique segurou a cabeça de Irandir, aproximou os olhos de seus olhos lacrimejantes de álcool e depois deu-lhe um beijo sem língua, lábio contra lábio, bem demorado. E quis fazer o mesmo comigo, mas a língua resvalou pela minha boca, e trocamos saliva por alguns segundos.

Ao chegarmos em casa, Irandir, com cara de poucos amigos, olhou para mim e disse:

— Temos um relacionamento a três. Mas, pelo que sei, não combinamos um relacionamento aberto.

Sorri-lhe e falei:

— Onde comem três, comem quatro. Não é isso que dizem os brasileiros?

Hans estava na sala de televisão. Dormia em um sofá; Louis, em outro. Na tevê, mais uma reprise de um filme qualquer de ação. Peguei Louis nos braços, ele tinha o sono profundo, coloquei-o na cama. Voltei à sala de televisão, desliguei o aparelho e disse “Hans, acorda”, enquanto sacudia-o, levemente. Foi quando percebi que ele estava duro, uma ereção sob o xorte azul. Tranquei a porta, tirei seu pau de dentro do xorte e chupei aquela verga. Ele acordou. Não sei com quem estava sonhando;

mas, ao acordar, encontrou a mim. Ele segurou minha cabeça e me fez engasgar. O sexo tem sempre um toque de sadomasoquismo. E não é uma característica restrita ao sexo entre homens. Não, está em toda relação sexual. Mas acho que Freud pode falar disso melhor do que eu. A porra quente e abundante de Hans logo encheu minha boca. Bebi-a como se disso dependesse a minha vida, enquanto eu gozava em masturbação.

Após o gozo, sinto sempre um grande vazio. As coisas parecem não fazer sentido. O caráter ilusório da vida mostra-se avassalador.

— Toma banho comigo? — perguntei.

Não sei exatamente por que dizem que nós franceses não gostamos de tomar banho, eu amo tomar banho. Há franceses fedidos; mas fedidos existem em toda parte. No caso francês, parece que tem a ver com questões históricas, a Idade Média e sua proibição à nudez. “Toda nudez será castigada”, é o que Nelson Rodrigues afirma, uma frase de caráter universal em um mundo eternamente dominado pelo cristianismo, que abomina o prazer.

— Não, vou pro quarto, quero dormir — Hans respondeu.

Mas depois do banho, eu encontrei-o na sala principal. Ele estava no sofá e lia um manuscrito meu.

— Não devia deixar seus textos jogados assim.

— Não é grande coisa.

— Se quiser, posso fazer umas ilustrações.

— Não, me dá isso.

Peguei o caderno das mãos dele.

— Preciso te contar uma coisa — ele falou, após certa hesitação.

— O quê?

Depois de um sorriso meio sem graça, ele revelou:

— Fiz um teste ontem.

— Teste?

— Pra um filme.

Surpreso, falei:

— Nunca pensei que quisesse ser ator.

Já imaginando o que ele me diria, ouvi de seus lábios:

— É um filme pornô.

Eu não sabia o que dizer.

— Eu preciso de independência financeira. Irandir sustenta a nós dois e mais as crianças. Isso me incomoda.

— Isso também me incomoda, mas nem por isso...

— Não venha com caretice, você não, por favor. Irandir vai encher o meu saco, vai brigar comigo, mas você não.

— É que não quero ver você transando com outros homens.

— É só não ver os filmes.

— Filmes. Pretende fazer mais de um.

— Sim, posso ganhar uma boa grana com isso.

— Não se iluda. Brasil não é Estados Unidos. Lá a indústria pornô é forte. Aqui, a coisa está mais pro amadorismo. Você não vai ficar rico.

— Só quero uma grana.

— Mas essa coisa não dá futuro. Um dia você não vai poder mais trabalhar com isso.

— Não pretendo me aposentar como ator pornô. Só vou ganhar uma grana e estudar Artes.

Concluí, um tanto melancólico:

— Você é dono do seu nariz, faz o que achar melhor. Só acho que isso vai afastar você da gente.

— Dá pra ser menos egoísta e pensar um pouco em mim?

— Estou sendo egoísta sim. Mas também estou pensando em você. Pessoas desse meio estão envolvidas com drogas e criminalidade.

— Quanto preconceito! Você parece o pai que nunca tive. Isso é brochante, Pierre. Não quero foder com meu pai. Eu não sou seu filho. Isso é muito incestuoso.

— *Oui*, desculpa. Eu não sei o que pensar.

— É só trampo, Pierre. A gente chega, fode, goza e pronto, leva a grana.

— Mas...

— Ai, chega. Vou dormir no quarto do Louis.

E, antes de sair da sala, chateado por eu não o apoiar, falou:

— Ah, não é um filme *gay*.

CAPÍTULO 7
O pequeno terrorista

Dona Adelaide queria que Louis comesse carne de porco, pois, segundo ela, era bom para a saúde. A neta então explicou-lhe que Louis era muçulmano e não comia carne de porco.

— Que nada! — disse a mulher de setenta anos. — Religião nenhuma proíbe carne, a carne é base da alimentação humana. Na Idade Média, o período mais religioso que se tem notícia, as pessoas comiam carne, nem sempre de boa qualidade, pois a miséria também era grande. Muita gente comia até rato, pois havia muitos.

Ela insistiu, e o Louis ficou irritado, pois religião para ele era coisa muito séria. Ele orava cinco vezes ao dia: ao amanhecer, ao meio-dia, no meio da tarde, ao pôr do sol e à noite. E não se esquecia nunca. O menino era muito disciplinado. Se existisse algum deus, Louis seria eleito no Dia do Juízo, pois era um cumpridor dos preceitos muçulmanos.

Diante de sua indignação, a velha Adelaide olhou para ele e falou:

— Você está com olhar de terrorista.

Louis deixou o prato na mesa, com arroz, feijão, alface e carne de porco intactos. E saiu indelicadamente da casa de dona Adelaide, pois

associar um muçulmano a terrorismo era, no mínimo, preconceito.

Amanda foi atrás dele, pois se preocupava com o Louis e achava que sua mudez o fazia mais frágil do que ele realmente era.

Conversei com ele, disse-lhe que devia ser mais tolerante com as pessoas, pois a maioria de nós é extremamente ignorante. Nada justificava aquele ato de indelicadeza com dona Adelaide, que sempre o tratara bem.

Ele já se comunicava bem com as mãos. E todos nós daquela casa também aprendíamos a língua de sinais, para nos comunicarmos com ele.

Prometeu-me que pediria desculpas a dona Adelaide e pediu-me que explicasse a ela a sua crença.

Tentei de novo fazer com que ele falasse do passado e me dissesse quem lhe ensinara a ser muçulmano. Mas ele se fechou novamente, como sempre fazia.

Almoçamos depois que telefonei para dona Adelaide e lhe pedi desculpas. Ela disse que estava tudo bem, que garotos muçulmanos eram muito sistemáticos e que, da próxima vez, fritaria ovos. Muçulmanos comem ovos, não comem?, ela perguntou.

Espalhados pela sala, cada um com seu prato, comemos o almoço feito por Hans, não só

um grande desenhista, mas também talentoso cozinheiro.

Douglas era vegetariano e apoiou a atitude de Louis. Disse que toda carne vinha contaminada pela dor do animal sacrificado para satisfazer nossas necessidades pré-históricas. A toxina da dor, segundo ele, estava impregnada na carne, pois o animal liberava esse tipo de toxina ao ser assassinado no matadouro.

Então Irandir chegou do trabalho, para almoçar. Inteirou-se do assunto e comentou que era um milagre vivermos todos sob o mesmo teto com tantas ideologias distintas. Ao que Hans contestou, entre uma garfada e outra, que não tinha nada de milagre. Forma de falar, disse Irandir. Pois essa forma de falar, disse o bom de garfo, mostra o quanto este país é dominado pela religião. Em cada dez palavras ditas, uma tem cunho religioso. Irandir olhou para mim e disse que eu tinha conseguido um ótimo discípulo para o meu ateísmo, ao que Hans contestou, dizendo que ele não era assim tão burro a ponto de ser influenciado, e que já era ateu quando me dera o cu pela primeira vez. Irandir pigarreou, embaraçado por causa das crianças. Douglas arregalou os olhos e disse “Que viadagem!”, enquanto Amanda ria.

— Tem problema essa menina — disse Douglas, — vive rindo. Parece que não pensa.

Amanda ficou séria.

— Olha ele de novo, papai! Não posso nem rir que ele me critica.

E falou que um dia todos teriam saudade dela, porque já tinha combinado com o Louis, os dois iriam embora para a França. E Douglas então lhe daria valor, pois ela era sua única irmã, e ele um dia ficaria sozinho com suas “viadagens” e “vegetarianismos” e “mau-humorismos”.

— Se quiser, compro a passagem pra você. Tenho umas economias. Por mim, você viaja amanhã. Quer?

Amanda começou a chorar e correu para o quarto.

— Por que você faz isso com a sua irmã, Douglas? Parece que gosta de ver a menina sofrer!

— É uma chata, papai.

— É sua irmã!

— E daí?

— Os irmãos sempre se ajudam!

Hans sorriu e disse:

— Já vi irmão que faz de tudo pra foder o outro.

— É isso que eu não quero pros meus filhos.

— Só tô dizendo que o mauricinho aí tem que saber a realidade dos fatos.

— Ah, Hans, vai tomar no cu. Mauricinho é a mãe!

— Douglas, que linguajar é esse?

— O Hans pode falar. Eu não, né?

— Hans não é meu filho.

— Ah, não é mesmo!

— Douglas!

— Desculpa, papai. É que tô cansado de vocês me dizerem o que tenho ou não que fazer. Não sou mais uma criança. E por que todo mundo aqui tem liberdade e eu não?

— Você não tem liberdade!?

— Não posso mandar o Hans tomar no cu. Não posso falar o que penso com Amanda. Daqui a pouco, vão me obrigar a comer carne de porco.

— O que deu nesse menino, gente?

— Ah, papai! Vocês são um bando de hipócritas! — disse Douglas e foi para o quarto.

Olhei para Irandir e falei:

— Seu filho está crescendo.

O menino já estava com catorze anos. Começava a ler livros mais sérios, o que acabava fazendo-me ficar mais próximo dele. Ampliava seu vocabulário, descobria coisas novas. E até me contara sobre sua experiência sexual com uma vizinha da mesma idade.

— Vamos, Louis — disse-lhe Hans. — Sobrou pra nós dois lavar a louça, como sempre.

CAPÍTULO 8
Eros sublimado

A verdadeira amizade só é possível a partir do eros sublimado. O amor romântico, fraterno, paterno etc. não passam de construtos culturais que não resistem a um teste rigoroso. Já a amizade é um elo realmente forte. Mas não devemos banalizar essa palavra já tão banalizada. A amizade de que falo surge de dois propulsores: afinidade intelectual e eros sublimado. Sem esses dois elementos, não existe amizade de fato, mas apenas vínculos culturalmente impostos.

Toda amizade verdadeira possui desejo sexual, pois o eros une, o eros é contrário à guerra. Mas deve ser sublimado, o desejo não pode se realizar. Além desse desejo sublimado, deve haver também uma afinidade intelectual. O eros faz com que os amigos queiram estar juntos, o que não ocorreria se saciassem o desejo, pois o sexo afasta as pessoas. Já a afinidade intelectual permite a troca de ideias, o que fortalece ainda mais o elo. Cria-se então uma espécie de simbiose. O outro quase se transforma em um eu. Meu corpo pede a aproximação e minha mente pede o compartilhamento de ideias.

As mulheres e os homens com quem me relacionei sexualmente, não compartilharam

comigo a amizade verdadeira, pois o eros sublimado não estava presente. Portanto, entraram em minha vida com um destino certo: a morte do desejo.

Buffon é um exemplo concreto da minha tese sobre o eros sublimado. Há entre nós a atração; mas nem ele e nem eu queremos satisfazer nosso desejo. Gostamos de conversar um com o outro e perdemos a noção do tempo quando estamos juntos. É prazeroso o toque, o abraço, mas não ousamos o beijo de língua, pois esse tipo de beijo é sexual. Prova disso é o meu pau. Quando beijo alguém de língua, meu pau endurece, é inevitável. Buffon e eu sabemos que, se algum dia transformarmos o eros sublimado em realização carnal, nossa amizade morrerá.

Sei que é difícil entender, e acho que perdi minha capacidade teórica. Fica sempre aquela coisa que eu queria dizer, mas não sei como. Então, vamos imaginar que existe alguém, homem ou mulher, com quem você gosta de estar, com quem você sente aquele êxtase de quando está apaixonado, com quem você tem afinidade intelectual. É bom, não é? Não fazer sexo com ele ou com ela não causa sofrimento, pois você está consciente de que o orgasmo é a morte do eros.

— Não conheço esse Buffon — Hans disse.

— Ele está na França.

— Já falou dessa teoria pro Irandir?

— Não.

— Pois não fale.

— Por quê?

— Ele vai ficar ofendido.

O Louis entrou na sala, sentou-se no sofá e depois deitou a cabeça no meu colo.

— O que ele tem? — perguntou Hans.

— Acordou com febre hoje. Já dei um remédio. Deve ser alguma virose. Se a febre persistir, terei que levá-lo a um médico.

Louis estava tristonho. Senti aquela ternura paterna, vontade de abraçar o moleque, tirar o seu desconforto. Mas apenas acariciei seus cabelos, enquanto ele fechava os olhos, como um cãozinho.

Hans levantou-se.

— Tô de saída.

— Bom trabalho.

— Espero que o “Hanzinho” colabore.

— Ah, vai colaborar, tenho certeza. O “Hanzinho” nunca decepciona.

— Seu francês pervertido!

Fiz um suco de laranja para o Louis. Ele também comeu uma fatia de bolo de chocolate,

enquanto víamos um desenho animado na televisão.

Na parte da tarde, ele já estava melhor, apesar de ter comido pouco no almoço. Tanto ele quanto eu gostamos da comida brasileira, do arroz e feijão de cada dia.

Amanda e ele foram visitar dona Adelaide. Louis não estava mais chateado com ela.

Pensei em tirar um cochilo, mas o interfone tocou.

Igor era um rapaz muito magro. Tinha cabelos longos, castanhos e sujos. Sua pele era bronzeada. Seu nariz era grande. A boca também era enorme, com dentes muito brancos e perfeitos. Usava uma camisa de malha, *jeans* e chinelos.

— Meu nome é Igor, sou amigo do Hans.

— Ah, sim. Eu sou Pierre.

— É, identifiquei pelo sotaque.

Hans devia ter falado sobre nosso *ménage à trois*.

— Hans disse que você é escritor, que tem um livro publicado na França.

Senti aquela minha insegurança artística.

— Eu tenho um texto aqui dentro da mochila e queria saber sua opinião, Pierre.

— Entra.

— Dá licença.

Ele sentou-se no sofá sem que eu convidasse, tirou algumas páginas da mochila, escritas a mão, e passou-as a mim.

Sentei-me ao seu lado e perguntei:

— Por que quer saber minha opinião?

— Quero a percepção de um artista.

De novo, senti a dúvida.

Depois de ler a primeira página, perguntei-lhe:

— Que idade você tem?

— Vinte e um.

— Acha que pode mesmo escrever sobre um velho?

Ele ficou inseguro.

— Eh, não é uma crítica, é só uma pergunta.

— Eu fui criado pelo meu avô.

— Entendo.

Voltei para a leitura e fiquei impressionado com aquele rapaz. Duvidei que ele tivesse escrito aquilo. Mas havia uma aura de genialidade em torno dele.

Por fim, ele me perguntou:

— Tem arte nisso aí, Pierre? Tem arte nisso aí?

CAPÍTULO 9
Monsieur Avril

— *Monsieur* Avril...

A voz distante repetia meu nome, e foi se aproximando até que estava tão perto que fui obrigado a abrir os olhos.

— *Monsieur* Avril — repetiu a médica, uma mulher magra e séria. — Pode me ouvir, *monsieur* Avril?

Acenei, afirmativamente, com a cabeça.

Nos próximos dias, por mais que Maïté me dissesse que eu nunca fora ao Brasil, a certeza de que tudo aquilo acontecera de fato me acompanhava.

Entendi que o coma me transportara para outra realidade, uma trapaça do cérebro, uma alucinação. Nesse mundo paralelo, eu estava escrevendo um livro, em português brasileiro, que contava a minha história no Brasil, onde eu vivia com Louis, Hans, Irandir, Douglas e Amanda.

Maïté me lembrou de que eu não falava português. Então tentei dizer algo nessa língua e, de fato, eu não a conhecia. Mas, lá no meu sonho, eu podia falar e escrever em português.

Antes da minha internação no hospital, eu morava naquele prédio onde, no meu delírio, tinha conhecido o Louis. Estava na pior e, depois de

beber uma quantidade colossal de álcool, eu perdera a consciência. Parece que um homem, provavelmente uma transa casual, chamara uma ambulância.

— Você esteve à beira da morte — disse-me Maïté. — Sobreviveu a uma parada cardiorrespiratória.

Por isso, uma enfermeira religiosa me olhava com devoção e dizia que eu era um milagre todas as vezes que entrava no meu quarto.

Quando saí do hospital, fui morar com a família de meu tio, situação um tanto desconfortável. Mas tudo mudou quando publiquei um livro de autoajuda, escrito a partir de um manuscrito, intitulado *Como organizar o seu tempo*, que, antes do coma, eu tinha encontrado no metrô:

A sua agenda

As pessoas ficam admiradas com a minha organização. Como você consegue? Eu queria ser assim. Então seja, penso comigo. Não entendo por que elas têm tanta dificuldade em organizar as tarefas de seu dia a dia. Algumas, acredito, veem a organização como a uma prisão. Pois digo que é o contrário, ao planejar seu dia, você se liberta da ansiedade.

O primeiro passo é comprar uma agenda. Se não pode fazê-lo, use uma folha qualquer. Mas se é daqueles moderninhos que não suportam o papel ou, por motivos

ambientais, preferem a virtualidade, sem problema, use o computador pessoal, *smartphone*, *tablet*, o que preferir.

Não planeje a sua semana. Você precisaria ser uma máquina para que isso desse certo. Então, recomendo que planeje o seu dia. E no final de cada um, planeje o seguinte.

Imprevistos acontecem

Os modelos de planejamento, no final do livro, são apenas exemplos, e devem ser adaptados às rotinas e necessidades individuais.

Lembre-se de que isso é apenas um planejamento, ou seja, uma ideia do que deve ocorrer. Na prática, as coisas podem não sair exatamente como você planejou. E, quando isso acontecer, você deve tomar uma atitude.

Vamos imaginar que o diretor da transportadora teve um imprevisto e cancelou a reunião. Imediatamente você precisa pensar em algo para fazer nesse horário repentinamente vago. Então, faça uma pesquisa de preços, por exemplo. Ou, quem sabe, se suas condições laborais permitem, termine o trabalho do dia mais cedo e vá para a academia.

E se, eventualmente, acontecer de você não estar muito bem, devido a algum problema pessoal, e precisar fazer algumas alterações ou mesmo não realizar uma tarefa programada, não se martirize! Como dizia Scarlett O'Hara, personagem do filme *E o vento levou...*: "*Tomorrow is another day*", isto é, "Amanhã é outro dia".

Somos humanos, não somos máquinas. Há dias em que as coisas não correm como o planejado. Mas lembre-se de que dias assim devem ser uma exceção. Do contrário, há algum problema na sua vida que precisa ser resolvido.

Finais de semana, feriados e férias

Você também pode planejar os finais de semana, os feriados e as férias. Assim, conseguirá aproveitar o seu tempo de lazer. Mas se você acha que planejar seu fim de semana, seu feriado e suas férias, deixaria você em uma espécie de prisão, não os planeje. Esperar as coisas acontecerem também pode ser bom, é uma opção.

CAPÍTULO 10
A tal da saudade

Depois dessa experiência entre duas realidades, fiquei interessado na cultura brasileira, aprendi a língua e pesquisei tudo sobre o país. Eu queria voltar lá. Sim, voltar! Tudo que vivi ali estava em mim não como uma mentira, mas como uma recordação.

Por isso, eu sentia tanta saudade do Louis, o único filho que tive e que perdi duas vezes; pois, naquela realidade, Louis precisou ser internado, e, então, as autoridades brasileiras descobriram que nossos documentos eram falsos.

Tive que inventar uma história para proteger Irandir, já que morávamos em sua casa. Para efeitos legais, eu tinha enganado a todos, pois afirmara que Louis era meu filho e órfão de mãe. Houve toda uma complicação, acentuada pela homofobia. Mas, no final das contas, ficou evidenciado que Irandir não tinha culpa nenhuma.

É curioso como alimentamos a esperança mesmo diante do inevitável. Dizem que a esperança é a última que morre. Imersos nessa ilusão, até nos piores momentos, ainda pensamos que: talvez...

E se Louis fosse uma espécie de anjo e surpreendesse a todos no final, ao se curar

milagrosamente sem que a ciência pudesse explicar?

Quando fiquei sabendo de sua morte, eu estava em uma prisão francesa. O choro inundou os meus olhos, e meu corpo foi tomado por soluços de dor inominável.

A morte do Louis era a morte da bondade.

Meu tio contratou um advogado para me defender. Durante o processo judicial, esse profissional conseguiu mostrar que eu não tinha sequestrado o menino, mas que estava tentando protegê-lo.

Por causa da falsificação, fui penalizado com multa e trabalho comunitário.

Por seis meses, catei o lixo de Paris.

Meu tio me dava uma mesada, coisa pouca. Mas, um dia, encontrei um manuscrito no metrô. Decidi investir naquela ideia. Autoajuda. Vendeu bastante.

Tão banal, tão óbvio, tão ridículo.

Mas um sucesso que me permitiu experimentar o vazio do grande, supremo e avassalador consumo.

O autor da parte inacabada nunca reclamou seus direitos, sinal de que aquilo não tinha importância para ele.

Era algo tão simples que ninguém poderia pensar em conseguir dinheiro com aquilo. Mas eu

consegui. Então, agradeci ao meu tio e passei a viver de autoajuda.

E se eu não possuísse a lembrança de lá, talvez não tivesse publicado o livro também aqui, onde, outra vez, alcancei o tal sucesso e, de novo, experimentei o vazio existencial, pois, sem Louis, nada fazia muito sentido.

Todos sentiram falta do Louis. Amanda ficou inconsolável. A depressão tomou conta da menina. Ela levou uns seis meses para se recuperar. Douglas também ficou abalado; mas insistia em manter a casca grossa. Já dona Adelaide, sem saber o que dizer, mas com a necessidade de espantar sua frustração diante da morte de uma criança, comentou, quase para si mesma, que, talvez, se Louis comesse carne de porco, isso não tivesse acontecido.

Maïté esteve ao lado deles nesse momento difícil. Deu todo o auxílio necessário, foi um ombro amigo para Irandir, que sempre carregava o mundo nas costas.

Ele precisava de pessoas fortes ao lado dele. No entanto, pessoas fortes geralmente atraem pessoas fracas e vice-versa. Deve estar relacionado a algum tipo de equilíbrio natural ou cósmico.

Os fortes merecem pena, pois quando caem, não têm ninguém para ampará-los.

Hans tinha uma ligação muito especial com Louis. Sentia por ele um amor paternal. E depois da morte do menino, ele foi afastando-se aos poucos de Irandir e de seus filhos, como se a pedra do encanto tivesse se quebrado.

O maior escritor brasileiro é Machado de Assis. Qualquer intelectual interessado na cultura brasileira sabe disso. Recentemente, li desse autor o conto *Um homem célebre*, sobre um compositor de polcas. Assim me sinto, um "compositor de polcas".

Sou um escritor de autoajuda, e mais pilantra do que todos os outros, pois não acredito nas ilusões que vendo. Carrego a frustração do artista que não sabe o que é arte. Ganho dinheiro, continuo escrevendo ficção, mas sou amaldiçoado, um "compositor de polcas".

Tantas vezes me canso, quero acabar com tudo.

Então me lembro do Hans e acho que ainda o amo. Às vezes sinto seu cheiro, misto de suor com tinta. Ele me deixava tonto, liberto, despudorado.

E penso em pagar-lhe uma viagem até a França, mas aí me sinto um imoral por fazer um homem atravessar o oceano só para satisfazer meu desejo de possuir seu corpo.

Só então recordo que Hans não existe nesta realidade.

É curioso como o tédio me deixa de pau duro. Bato muita punheta, viro um promíscuo, pago por homens jovens. E depois choro e me sinto um lixo, pois eles desejam o meu dinheiro, não o meu corpo, que apodrece a cada dia.

Penso em suicídio mais do que o normal, imagino formas de tirar a minha vida, e é tão difícil encontrar aquela menos dolorosa. Ah, eu queria ser médico para o meu suicídio não doer. Se eu tivesse conhecimento e autorização para aviar receitas, poderia realizar o meu ato final com tranquilidade e sem dor. Afinal, o desenvolvimento científico tem que servir para alguma coisa, já que não garantiu a evolução humana.

CAPÍTULO 11
Problemas de consciência

Fazia cinco anos que o Louis tinha morrido. Eu sentia saudade. E pensar em como ele estaria, se vivo, após esse tempo, era inevitável. Sei que seria um bom rapaz. Senti vontade de chorar, por ele e por minha fragilidade, minha pequenez, minha impotência, minha incompreensão diante da morte, minha finitude.

A morte da consciência me repugna mais do que a morte do corpo.

A consciência é como um indivíduo dentro de um automóvel, ela o guia para seu destino. Mas poderá ela sair do corpo como o corpo sai do carro? E, afinal, a consciência é corpo de quê? Chegamos ao ponto em que os crentes dizem: deus. A consciência é a criadora do deus imortal, esse anestésico para a frustração diante da finitude, da descontinuidade. Louis não existia mais, a não ser na minha consciência. E para onde ela vai? De onde vem? Sou uma consciência sem princípio, meio e fim?

A primeira pessoa que visitei no Brasil foi Maïté. Ela estava mais gorda. E infeliz no casamento. Mas isso era esperado. Maïté não é o tipo de pessoa que aprecie estabilidade. Necessita da mudança para sentir-se viva. Ela queria

trabalhar em outra universidade, talvez mudar de profissão. Se pudesse livrar-se do filho, ela o faria. Mas preferia manter o discurso materno e hipócrita, precisava sentir-se mais humana e menos cadela.

Diferentemente dos humanos, os outros animais são realistas, aceitam a solidão e o desamparo como algo natural. Já nós, vivemos tentando driblar a natureza, fugir do inevitável, e nos aprisionamos em autoenganos que nos fazem infelizes. A imaginação é o que nos diferencia deles, animais práticos. Somos mais do que subjetivos, somos subjetivíssimos. Criamos milhões de fantasias, pois é preciso suportar a vida. Eles a suportam porque o instinto exige; nós, porque a imaginação quer.

Hans estava vivendo, com sua jovem companheira, em um pequeno apartamento. Eram colegas de profissão, trabalhavam na “indústria pornô”. Ela estava “dando um tempo” nas filmagens, pois resolveram fazer uma filha. Em três meses, seriam oficialmente pais. Hans estava com olheiras, cansado, e adquirira o hábito de fumar. As olheiras não eram resultado do esforço no trabalho, mas da realidade após a ilusão. Tive vontade de dizer-lhe que eu estava decepcionado por ele ter jogado seu talento no lixo para viver uma vida medíocre de “homem de família”. Não

se contentava em ficar fodendo por dinheiro? Podia fazer arte nas horas vagas. Mas decidira ser pai, criar uma vida, destruir uma vida.

Acho que meu tesão por ele começou a morrer ali, pois o que me deixava de pau duro era o brilho em seus olhos e seu desejo de criar o impossível. Agora era mais um, e trabalhar com pornografia só o tornava medíocre. Mas podia ter sido diferente, ele podia ter usado a pornografia como ato de rebeldia e arte, se levasse sua experiência para a pintura e para o desenho. Algo dentro de mim, aquela mentira que chamam de esperança, dizia que ainda era possível, pois ele era jovem. Mas entendi que sugerir a sua volta à arte o machucaria, talvez fatalmente.

Eu me dispus a ajudá-lo financeiramente. E antes que ele desse uma de orgulhoso, falei que não aceitava “não” como resposta. Ele me contou que Irandir também ia ajudar e que Mélany não via problema em aceitar ajuda dos amigos. Então, meu machismo gritou lá dentro de mim: “Prostituta!”. Mas o refreei, pois quero acreditar que a razão é mais forte do que a cultura; o que deve ser mais uma ilusão.

Mélany Blue era o nome artístico da companheira de Hans. Na certidão de nascimento, Rita. Ela contrariou meus estereótipos. Eu esperava uma loura de lábios, peitos e bunda

siliconados. Mas não. Ela era uma morena de cabelos pretos, bonita, provavelmente sensual antes da gravidez. Não sou daqueles que têm fetiche com grávidas.

Evangélica, Mélany achava pecado atuar durante a gestação. Dizem que os bebês ouvem tudo na barriga, ela disse. Nesse momento, percebi certa irritação em Hans, ele já estava cansado da brincadeira. Convidei-o para dar uma volta e espairecer. Ele não hesitou, saímos. Eram oito horas da noite. Caminhamos pelas ruas da cidade, entramos em um pé-sujo. Ele fumava e tomava um café amargo, servido em um copo mal-lavado, quando me olhou, com olhos lacrimejantes, disse que tinha saudade de nós dois, tocou na minha mão. Mas afastou-a logo, pois Hans sabia, assim como eu, que tudo estava perdido.

Irandir continuava vivendo na mesma casa. Henrique e ele estavam juntos outra vez. Parece que algumas pessoas nascem uma para a outra. Pode haver rompimentos, lacunas traumáticas; porém, elas voltam inevitavelmente a se juntarem, para o bem ou para o mal. E no caso de Irandir, foi para o bem.

Douglas estava homem bonito. Um sorriso lindo! Dezenove anos de idade. Me abraçou forte e não se importava mais com as “viadagens”. Sua

namorada era uma menina inteligente, com cabelos *black-power* e olhos tão profundos que pareciam nos tragar. O rapazinho estava apaixonado, olhava-a com total adoração. Era o seu primeiro amor. Então, senti pena dele, pois teria o coração quebrado inevitavelmente e nunca mais seria o mesmo. Sua irmã, Amanda, me abraçou e disse: “Tio Pierre, senti saudade!”.

E nada disso foi real?

CAPÍTULO 12
Neomedievalismo

Conheci Vincent em Marseille. Mas ele trabalhava em Londres. Estou morando aqui com ele faz dois anos. Gosto do clima londrino, ao contrário de tantos, que o odeiam. Londres tem uma melancolia no ar, que me agrada e me inspira. E é um lugar onde vivem muitos estrangeiros, uma Babel, me lembra muito São Paulo, um pouco mais fria, é claro, em todos os sentidos.

Vincent trabalha com publicidade, eu sou um "desocupado". Meus *best-sellers* de autoajuda já me deram tudo que podiam dar, permitem que eu seja hoje um "desocupado" aos olhos de uma sociedade de *workaholics* e escravos.

Escrevo, leio muito e vejo filmes.

Publiquei a segunda edição do meu primeiro livro de ficção e escrevi outro, que também está nas sombras. Minha popularidade como autor de autoajuda não ajuda muito, os intelectuais não me levam a sério. Mas não me importo, agora sei o que é ser um escritor de verdade: escrever ficção sem maiores interesses além da própria ficção, escrever porque minha vida depende disso, não ligar para a opinião nem de leigos nem de críticos especializados.

O verdadeiro escritor não se importa com escarros ou louros, ele escreve. E se torna verdadeiramente artista quando se liberta da ambição financeira e do julgamento alheio, e se entrega à sua obra, seja ela sublime ou medíocre. O escritor se torna artista quando encontra a liberdade.

Num sábado à noite, estávamos Vincent e eu sentados no sofá da sala. Ele, com uma grande taça de vinho na mão, olhava-me com olhos de bêbado, enquanto eu estava sóbrio e excitado com seus olhos brilhantes e com suas bochechas coradas. Vincent não é desagradável quando fica ébrio, pelo contrário, transforma-se em um homem bem mais carinhoso, mais disposto a agradar. Nessas ocasiões, me sinto uma espécie de macho egoísta que se aproveita do objeto que se coloca disposto a servi-lo. Eu abuso de Vincent, faço coisas com ele que, quando sóbrio, ele não permitiria. E ele nunca reclama depois, muitas vezes nem se lembra, o que faz de mim um cafajeste. Mas não ligo, sexo sem cafajestagem é misticismo. O sexo está associado ao abuso, a uma espécie de instinto criminoso, à humilhação, ao jogo de poder, mesmo que no meio de tudo isso haja um toque conspurcador de afeto.

Minhas relações com meus parceiros sempre foram ambíguas quando pensamos em “papéis”.

Às vezes sou macho, fêmea, mãe, pai, filho, amigo, bandido, desconhecido, abusador, protetor, abusado. O sexo é algo mórbido, seja de que gênero for, e antitético: prazer e dor. Isso é o sexo, e não qualquer outra coisa.

Nesta nova Idade Média, neste neomedievalismo, há três possibilidades: compactuar com o domínio religioso, perecer em suas mãos ou combatê-lo. Portanto, a fascinação de Vincent pelo neoprotestantismo me deixou preocupado. Não é aceitável que cientistas, artistas e homossexuais sejam religiosos. Os cientistas porque a ciência deve opor-se ao místico, isso está em sua base; uma ciência que aceita a não comprovação não é ciência. Os artistas porque a arte implica em liberdade, ousadia e transgressão; um artista que é guiado pela religiosidade é um artista limitado. Os homossexuais porque as religiões no poder nos consideram aberrações que devem ser destruídas; um homossexual religioso não é uma pessoa inteligente. Mas a fé é tão cega que certos fiéis não conseguem sequer perceber a incoerência de seus atos.

A fraqueza humana me frustra, me dá raiva. Entendo os crentes. Eles buscam a fé para suportarem o peso de suas cruzes; e conseguem, a ilusão tem um poder forte sobre as mentes

humanas, o autoengano é medicinal. Entendo, mas desprezo, não respeito, não aceito que sejamos tão fracos. E temo, temo um dia sucumbir a tais ilusões e anular-me em fé cega simplesmente porque sou fraco demais para suportar ou transformar a realidade.

Vincent é monossilábico. Portanto, é difícil saber o que ele pensa ou sente. Mas eu via uma espécie de câncer crescer dentro dele, silencioso, a cada minuto a doença crescia e tomava conta de todo o seu ser. Os crentes chamariam esse câncer de luz divina ou qualquer coisa do gênero. Mas, para mim, é escuridão disfarçada de luz. Logo ele deixou de ser o meu Vincent para se transformar em um títere. Mais do que uma lavagem cerebral, ele sofreu uma espécie de morte e renascimento. Vincent morreu para um alienígena nascer em seu corpo. Quando a metamorfose se completar, sei bem que não poderemos mais continuar juntos, serei seu inimigo, pois sua antítese.

Ele ontem apareceu em casa com um casal de heterossexuais sorridentes e falsamente gentis. Eles estavam sentados na sala e discutiam religião. “Discutir” não é bem a palavra, pois não havia oposição de ideias. Eles, em estado de graça doentia, adoravam ao Senhor. Vincent, agora, é mais um desses zumbis sorridentes que

vejo por aí. Eles colocam uma venda nos olhos e não veem mais a realidade, fogem dela, sentem-se iluminados, confiantes no deus, incapazes de agir de forma a transformar a realidade. E, o que muito me assusta, são capazes de pegar em armas e matar pela sua fé, com regozijo, além da violência psicológica e sorridente de cada dia. Para os crentes, não existe felicidade longe do deus, e todos devem ser obrigados a provar dessa felicidade, como um remédio amargo que o médico força o paciente a tomar para o seu bem. Só que esse remédio, para os crentes, torna-se doce. Para eles, aqueles que não encontraram o Senhor são crianças ignorantes que não sabem o que fazem. Então, cabe a eles, mesmo violentamente, salvá-las. Eles me desprezam do mesmo jeito que eu a eles. Mas a sua cegueira transforma seu desprezo em falsa compaixão.

Ao despedir-se, o casal sorriu forçosamente para mim. E vi, em seus olhos, a luz da reprovação. Estava claro que Vincent teria que fazer uma escolha. Falei disso com ele à noite. Ele apenas sorriu triste e recorreu ao silêncio eloquente.

É o fim.

EPÍLOGO

Escrevo isto aqui nesta terra ensolarada, de “gente sorridente e infeliz”, como diz Hans. Acredito que só um brasileiro pode entender o que é ser brasileiro, como só um francês pode entender o que é ser francês. Todo o resto são achismos de estrangeiros. Mas Hans não se sente brasileiro. Também, com esse nome! Ele não sabe por que se chama Hans, sabe apenas que é um nome talvez comum na Alemanha. Se o pai é alemão, não faz ideia.

Contei-lhe como eu estou vivendo na França. Sexo, drogas e ópera. Ah, Puccini! Faço sexo como um viciado. Tantos paus que perdi a conta. E algumas bucetas também cruzaram meu caminho. Inúmeros cus. Tantas bocas sedentas e tantos corações despedaçados. Se vale a pena? Não, não vou usar clichê de escritor brasileiro e citar o português Fernando Pessoa. Há muito gozo e também muita angústia. Mas a angústia impera na vida de todos.

Hans está mais gordo, com barba, usa óculos e parece ter lido muito. Está mais sério. É pai, mas solteiro. Separou-se da Mélany. Tem uma acentuada melancolia no olhar. Vejo carinho em seus olhos, mas a ausência total do desejo que o deixava de pau duro no momento em que eu o

tocava. Ele não é mais ator pornô. Agora, produz e dirige os filmes. E prefere o público *gay*, que consome mais e, portanto, dá mais lucro. Hans escreve roteiros pobres para seus filmes de foda, mas escolhe os atores certos, e os trata com respeito.

Irandir e Henrique estão gordos e felizes. Douglas continua bonito, e me abraçou com tal força e carinho que chorei. Está fazendo mestrado em Sociologia. Já Amanda, tão doce e gentil, vive cercada de amigos. Amizades coloridas, como se dizia no passado, ou amizades com bônus, como se diz agora. Amigos de ambos os sexos. Douglas, um heterossexual convicto, balança a cabeça de um lado para o outro e diz que não se conforma com a indecisão de certas pessoas. Amanda o chama de chato e sorri.

Em um almoço na casa de Irandir, sentei-me ao lado da mãe de Amanda e Douglas. Uma pessoa agradável, delicada. Bonita e discreta. Desde a separação, continua solteira. Mas não creio que ainda ame o Irandir. Acho que é um daqueles seres que gostam de estar sozinhos, que não têm problema com o espelho. Quando eu morava com Irandir, tive pouco contato com ela, raríssimos. Ela é uma mulher inteligente, não se interessa por amenidades.

Dona Adelaide não estava presente no almoço, pois morreu o ano passado, “como um passarinho”, enquanto dormia. Talvez esteja com Louis em algum plano metafísico, a insistir para que ele coma carne de porco, um porco metafísico. Mas não acredito nessas coisas.

Louis foi o amor mais profundo que já experimentei, a falta mais avassaladora agora. Por isso, eu quis muito acreditar na vida após a morte e ter a esperança de um dia voltar a ver seu sorriso encantador. Mas minha vida no Brasil me ensinou que a única coisa que fica é a saudade.

— *Monsieur* Avril...

A voz distante repete meu nome, e vai se aproximando até que está tão perto que sou obrigado a abrir os olhos.